

BURCKHARDT

época homens que, meio século ainda a língua, como os papas P mente esse tipo de interesse pre gos nativos.

O HUMANISMO NO SÉCULO XIV

Além de Florença, Roma e professores pagos de grego; Bolonha, Ferrara, Pavia e outras cidades os tiveram também, ao menos temporariamente. Os estudos helenísticos muito deveram a Aldo Manucci, em cuja oficina foram impressas, pela primeira vez em grego, as obras mais volumosas e dos principais autores. Aldo arriscou tudo que tinha nessa empreitada; foi um editor de cuja estirpe o mundo conheceu bem poucos.

Há que se mencionar aqui, ainda que apenas de passagem, que, ao lado dos estudos clássicos, também os orientais assumiram proporções relativamente significativas. Giannozzo Manetti, estadista e grande erudito florentino (morto em 1459), foi o primeiro a aliar à polêmica dogmática contra os judeus o aprendizado do hebraico e de toda a ciência judaica. Desde criança, seu filho teve de aprender latim, grego e hebraico, e o próprio papa Nicolau V incumbiu Manetti de traduzir novamente a Bíblia, uma vez que o pensamento filológico da época compelia ao abandono da Vulgata. Muito antes de Reuchlin, mais de um humanista acolheu o hebraico entre seus estudos; Pico della Mirandola, por exemplo, dispunha de todo o saber talmúdico e filosófico de um instruído rabino. Quanto ao árabe, era sobretudo a medicina que, não mais desejando dar-se por satisfeita com as traduções mais antigas dos grandes médicos árabes, requeria seu aprendizado. O ensejo para tanto talvez tenha sido dado pelos consulados venezianos no Oriente, que abrigavam médicos italianos. Hieronimo Ramusio, um médico veneziano que morreu em Damasco, traduziu obras do árabe. Andrea Mongaio de Belluno deteve-se longamente naquela cidade motivado por Avicenna, tendo aprendido o árabe e emendado o texto deste último; posteriormente, o governo de Veneza empregou-o em Pádua, para o ensino dessa matéria específica. Quanto a Pico della Mirandola, faz-se necessário que nos

Burckhardt 7

detenhamos um pouco mais nele, antes de passarmos à influência geral do humanismo. Ele foi o único a defender em voz alta e de maneira enérgica a ciência e a verdade de todas as épocas contra a ênfase unilateral dada à Antiguidade clássica. Sabe apreciar não apenas Averróis e os pesquisadores judeus, mas também os escolásticos da Idade Média, cada um de acordo com sua especialidade, e acredita ouvi-los dizer:

Nós viveremos eternamente, não nas escolas dos pedantes, mas no círculo dos sábios, onde não se discute acerca da mãe de Andrômaca ou dos filhos de Níobe, mas sim sobre as causas mais profundas das questões divinas e humanas; quem delas se acerca, verá que também os bárbaros possuíam inteligência [*mercurium*] — não na língua, mas no peito.

Possuidor de um vigoroso latim, absolutamente não desprovido de beleza e clareza de exposição, Pico della Mirandola despreza o purismo pedante e toda a supervalorização de uma forma tomada emprestada, tanto mais quando ela se revela associada a uma visão unilateral e danosa à grande e total verdade. Nele, pode-se perceber o rumo sublime que a filosofia italiana teria tomado, se a Contra-Reforma não tivesse destruído a totalidade da vida espiritual mais elevada.

### O HUMANISMO NO SÉCULO XIV

Quem foram, pois, aqueles que atuaram como mediadores entre sua época e a venerada Antiguidade, alcançando esta última à condição de elemento central da cultura da primeira?

Trata-se de uma legião multiforme, exibindo ora uma ora outra face. Sabiam, porém, eles próprios, bem como o sabia a época, que compunham um elemento novo da sociedade. Podem-se identificar seus precursores sobretudo naqueles *clerici vagantes* do século XII, de cuja poesia já se falou aqui: comungam da mesma existência instável, da mesma forma livre, e mais do

que livre, de encarar a vida e, de início ao menos, de uma mesma tendência pagã na poesia. Agora, porém, uma nova cultura contrapõe-se àquela da Idade Média, àquela cultura; em essência, sempre eclesíastica e cultivada por eclesíásticos; uma nova cultura que se apega predominantemente àquilo que se encontra para além da Idade Média. Seus representantes ativos tornam-se personagens importantes porque sabem o que sabiam os antigos, porque procuram escrever como estes o faziam e porque começam a pensar, e logo também a sentir, como pensavam e sentiam os antigos.\* A tradição à qual se dedicam converte-se, em milhares de pontos, em pura reprodução.

Autores mais modernos lamentam amiúde que os germes de uma cultura incomparavelmente mais autônoma e aparentemente italiana em sua essência, como os que se manifestaram por volta de 1300 em Florença, tenham sido, posteriormente, tragados por completo pela torrente do humanismo. Argumentam eles que, àquela época em Florença, todos podiam ler, que até mesmo os arrieiros cantavam as *canzoni* de Dante e que os melhores manuscritos italianos de que ainda dispomos teriam pertencido originalmente a artesãos florentinos; teria sido possível então — dizem eles — o surgimento de uma enciclopédia popular, como o *Tesoro* de Brunetto Latini, e tudo isso teria tido por base uma força e firmeza de caráter resultante da participação de todos nos negócios de Estado, do comércio, das viagens e, principalmente, da sistemática eliminação de todo o ócio — fatores que vicejavam na Florença de então. Além disso — prossegue a argumentação —, os florentinos eram à época respeitados e de grande serventia no mundo todo, não em vão sendo chamados pelo papa Bonifácio VIII, naquele mesmo ano, “o quinto elemento”. A presença mais forte do humanismo, a partir de 1400, teria, pois, atrofiado esse impulso nacional, na

\* Poggio (*De avaritia*) denuncia a avaliação que eles faziam de si próprios ao manifestar a opinião de que só poderiam dizer que tinham vivido aqueles que tivessem escrito livros eruditos e eloqüentes em latim, ou aqueles que houvessem traduzido do grego para o latim.

medida em que se passou a esperar exclusivamente da Antiguidade a solução para todo e qualquer problema, permitindo-se, além disso, que a literatura fosse absorvida pela mera citação; a própria perda da liberdade estaria relacionada a isso, na medida em que tal erudição repousaria numa servidão à autoridade, sacrificando o direito municipal ao romano e, já em razão disso, procurando e encontrando o favor dos déspotas.

Ocupar-nos-emos ainda, aqui e ali, dessas acusações, para examinar-lhes a verdadeira medida e a compensação oferecida aos danos. Para o momento, cabe sobretudo constatar que mesmo a cultura do vigoroso século XIV conduzia necessariamente para o completo triunfo do humanismo, e que foram precisamente os maiores expoentes no domínio do espírito nacional italiano que abriram portas e portões para o culto sem fronteiras à Antiguidade do século XV.

E, dentre eles, Dante mais do que qualquer outro. Se uma sucessão de gênios da sua categoria tivesse podido levar adiante a cultura italiana, esta exhibiria e conservaria, mesmo que fortemente permeada por elementos da Antiguidade, um caráter nacional fortemente acentuado. Mas nem a Itália nem o restante do Ocidente lograram produzir um segundo Dante, que foi e permaneceu sendo aquele que, pela primeira vez e de maneira enfática, trouxe a Antiguidade para o primeiro plano da vida cultural. Na *Divina comédia*, é verdade, ele não dispensa tratamento equânime aos mundos antigo e cristão, mas os situa continuamente em planos paralelos; assim como, em seus primórdios, a Idade Média reuniu modelos e antímodelos extraídos das histórias e figuras do Velho e do Novo Testamento, Dante reúne, em geral, um exemplo cristão e um pagão para ilustrar um mesmo fato. Não se deve esquecer que o imaginário e a história cristã eram conhecidos, ao passo que imaginário e história da Antiguidade, pelo contrário, eram relativamente desconhecidos, auspiciosos e estimulantes, e que esta última tinha necessariamente de preponderar no interesse geral, não mais havendo um Dante para estabelecer o equilíbrio.

Petrarca está presente hoje no pensamento da maioria como

um grande poeta italiano; entre seus contemporâneos, pelo contrário, sua fama advinha em muito maior grau do fato de que ele, por assim dizer, representava a Antiguidade em pessoa, imitando todos os gêneros da poesia latina e escrevendo cartas cujo valor, na qualidade de dissertações acerca de determinados tópicos da Antiguidade, se hoje não mais entendemos, é perfeitamente compreensível para uma época na qual inexistiam ainda os manuais.

O caso de Boccaccio é bastante semelhante. Em razão unicamente de suas compilações mitográficas, geográficas e biográficas em língua latina, ele já era famoso havia dois séculos em toda a Europa antes que, ao norte dos Alpes, se tivesse notícia de seu *Decamerom*. Uma daquelas compilações, *De genealogia deorum*, contém um notável apêndice aos 14<sup>o</sup> e 15<sup>o</sup> livros, no qual Boccaccio discute a posição do jovem humanismo à sua época. Não nos devemos deixar iludir pelo fato de que ele se refira incessantemente apenas à “poesia”, já que um exame mais aproximado nos fará notar que é, na verdade, ao conjunto da atividade intelectual dos poetas-filólogos que se refere.\* São os inimigos desta que ele combate da forma mais renhida: os frívolos ignorantes que não pensam senão em comer e beber à farta; os teólogos sofstas, para os quais Helicon, a fonte de Castália e o bosque de Febo parecem meras tolices; os juristas ávidos de ouro, que consideram a poesia supérflua, porque não se ganha dinheiro com ela; e, por fim, os frades mendicantes (caracterizados por meio de perífrase, mas identificáveis), que apreciam denunciar o paganismo e a imoralidade. Segue-se, então, a defesa da poesia, sua louvação; mais exatamente, a do sentido mais profundo, sobretudo alegórico, que a ela cumpre sempre atribuir, a de sua legítima obscuridade, que deve servir à intimidação da mente insensível dos ignorantes. Por fim, o au-

\* Em Dante (*Vita nuova*), poeta refere-se ainda exclusivamente àqueles que compunham em latim, ao passo que as expressões *rimatore* e *dicatore per rima* são empregadas para os que escrevem em italiano. Com o tempo, porém, tais expressões e conceitos confundiram-se.

tor justifica o novo relacionamento da época com o paganismo como um todo, fazendo clara referência a sua própria obra erudita.\* Tal relacionamento, segundo ele, pode outora ter sido diferente, quando a Igreja, em seus primórdios, precisava ainda defender-se contra os pagãos; à sua época — graças a Jesus Cristo! —, a verdadeira religião estaria fortalecida, o paganismo, eliminado, e a Igreja, vitoriosa, de posse do território inimigo; assim, poder-se-ia então contemplar e estudar o paganismo quase (*ferre*) sem perigo algum. O argumento é o mesmo que, mais tarde, todo o Renascimento empregou para se defender.

Havia, pois, um elemento novo no mundo, e uma nova classe de pessoas a representá-lo. É ocioso discutir se, em meio a seu curso vitorioso, cabia a tal elemento deter-se, limitar-se voluntariamente, concedendo ao puramente nacional certo privilégio. Não se tinha convicção mais firme do que a de que a Antiguidade constituía justamente a mais alta glória da nação italiana.

Peculiar a essa primeira geração de poetas-filólogos é, essencialmente, uma cerimônia simbólica que, se não desaparece mesmo nos séculos XV e XVI, perde, todavia, seu caráter mais elevado: trata-se do coroamento dos poetas com a coroa de louros. Suas origens medievais são obscuras, e ele jamais chegou a ser dotado de um ritual fixo. Tratava-se de uma demonstração pública, uma visível eclosão da glória literária e, já por isso, de algo variável. Dante, por exemplo, parece tê-la encarado como uma consagração semi-religiosa: queria coroar-se a si próprio no batistério de San Giovanni, onde centenas de milhares de florentinos, inclusive ele próprio, haviam sido batizados [“Paraiso”, XXV, v. 1 ss.]. Em razão de sua fama, diz seu biógrafo, ele teria podido receber a coroa de louros onde quer que fosse, mas jamais desejou fazê-lo senão em sua terra natal, razão pela qual morreu sem ser coroado. Por essa mesma fonte, é-nos dado sa-

\* Numa carta posterior a Jacobus Pizinga (*Opere volgari*, v. XVI), Boccaccio atém-se com maior rigor à poesia propriamente dita. Também ali, contudo, reconhece como poesia apenas a que trata da Antiguidade, ignorando os trovadores.

bêr que o costume não era até então habitual, sendo tido como herança grega dos antigos romanos. Prática semelhante e posterior constituíam as disputas entre tocadores de cítara, poetas e outros artistas. Instituídas segundo o modelo grego e tendo lugar no Capitólio, elas eram, desde Domiciano, celebradas de cinco em cinco anos, e, possivelmente, sobreviveram ainda algum tempo após a queda do Império Romano. Se, pois, por um lado, ninguém ousaria facilmente coroar-se a si próprio, como Dante o desejava, por outro, surgiu a questão acerca de qual seria a autoridade responsável pela coroação. Em Pádua, por volta de 1310, Albertino Mussatus foi coroado pelo bispo e pelo reitor da universidade. Pela coroação de Petrarca (1341), disputaram a Universidade de Paris — que tinha justamente à época um reitor florentino — e as autoridades municipais romanas. Além disso, o examinador que o próprio Petrarca escolhera, o rei Roberto de Anjou, teria de bom grado transferido a cerimônia para Nápoles. Petrarca, no entanto, preferiu a todas as outras a coroação no Capitólio, pelo senador romano. Na verdade, a coroação permaneceu durante algum tempo alvo de ambição, enquanto tal atraindo, por exemplo, Jacobus Pizinga, um nobre funcionário siciliano. Carlos IV, que tinha verdadeiro prazer em impressionar com cerimônias homens vaidosos e a massa ignorante, apareceu então na Itália. Partindo da premissa fictícia de que a coroação dos poetas fora outrora assunto dos antigos imperadores romanos e de que, portanto, era agora assunto seu, ele coroou em Pisa o erudito florentino Zanobi della Strada, para grande desgosto de Boccaccio, que se recusa a reconhecer a legitimidade dessa *laurea pisana*. E, de fato, podia-se perguntar como é que o meio-eslavo se arrogara o direito de julgar o valor dos poetas italianos. Não obstante, imperadores em viagem seguiram coroaando poetas aqui e ali, prática à qual aderiram, no século XV, os papas e outros príncipes, não desejando ficar para trás, até que, afinal, local e circunstâncias da coroação passaram a não mais ter qualquer importância. Em Roma, à época de Sisto IV, a academia de Pomponius Laetus distribuía coroas de louros por conta própria. Os florentinos tiveram o cui-

dado de coroar seus famosos humanistas somente após a morte; assim foram coroados Carlo e Leonardo Aretino — o panegírico do primeiro tendo sido pronunciado por Matteo Palmieri, o segundo, por Giannozzo Manetti, diante de todo o povo e na presença dos membros do conselho: o orador em pé, à cabeceira do esquife onde, trajando seda, jazia o corpo.\* Em honra de Carlo Aretino erigiu-se ainda um mausoléu (em Santa Croce) que conta entre os mais magníficos de todo o Renascimento.

## UNIVERSIDADE E ESCOLAS

A influência da Antiguidade sobre a cultura, de que trataremos a partir de agora, pressupunha, inicialmente, que o humano se apoderasse das universidades. Isso se deu, embora não na medida e tampouco com o efeito que se poderia imaginar.

A maioria das universidades italianas só surge verdadeiramente no decorrer dos séculos XIII e XIV, quando a crescente riqueza da vida italiana passou a exigir também preocupação mais rigorosa com a educação.\*\* No princípio, a maioria delas possuía apenas três cátedras: as de direito canônico e civil e a de medicina. A estas juntaram-se, com o passar do tempo, as de retórica, de filosofia e de astronomia — esta última, geralmente, mas não sempre, idêntica à de astrologia. Os salários dos cate-dráticos eram extremamente variados; às vezes, recebiam até

\* Ainda em vida, a fama de Leonardo Aretino era, na verdade, tão grande, que vinham pessoas de todas as partes unicamente para vê-lo, um espanhol tendo inclusive se prostrado de joelhos diante dele.

\*\* A Universidade de Bolonha é, sabidamente, mais antiga. A Universidade de Florença, que existia desde 1321 e na qual o estudo era obrigatório para os florentinos, foi reinstituída após a peste negra de 1348 e dotada anualmente de 2,5 mil florins de ouro; posteriormente, voltou a desaparecer e a experimentar nova fundação em 1357. A cadeira dedicada ao estudo de Dante, fundada em 1373 a pedido de muitos cidadãos, esteve daí em diante ligada, geralmente, às de filologia e retórica, o mesmo acontecendo ao tempo de Filelfo.

mesmo algum capital de presente. O avanço da educação trouxe consigo a competição, de modo que as diferentes instituições lançaram-se ao intento, de parte a parte, de atrair para si renomados professores de suas rivais. Sob tais circunstâncias, diz-se que Bolonha teria, em certas épocas, aplicado metade de suas receitas (20 mil ducados) na universidade. As nomeações dos catedráticos eram, em geral, por tempo limitado, até mesmo por um único semestre, de modo que os docentes levavam uma vida errante, como se fossem atores. Contudo havia também nomeações vitalícias. Por vezes, prometiam não ensinar em qualquer outro local o que haviam ensinado em uma universidade. Além disso, havia também professores voluntários, não remunerados.

Das cátedras mencionadas, a de retórica era, naturalmente, a meta preferencial dos humanistas. Havia, porém, a possibilidade de virem a atuar também como professores de direito, medicina, filosofia ou astronomia, dependendo em grande parte do conhecimento que haviam adquirido das coisas da Antiguidade. As condições internas, da ciência, e externas, do docente, eram ainda bastante variáveis. Não se pode, porém, ignorar que certos juristas e médicos tinham e mantinham salários de longe os mais elevados — os primeiros, principalmente na qualidade de consultores para as reivindicações e processos do Estado que lhes pagava. No século XV, em Pádua, havia um jurista que recebia anualmente mil ducados; também ali, pretendeu-se empregar um médico famoso pagando-lhe 2 mil ducados e concedendo-lhe o direito à prática particular de sua profissão, um médico que até então atuara em Pisa, lá recebendo setecentos florins de ouro. Quando o jurista Bartolommeo Socini, catedrático em Pisa, aceitou uma nomeação de Veneza para trabalhar em Pádua e quis viajar para lá, o governo florentino tomou-o prisioneiro, libertando-o somente mediante o pagamento de caução no valor de 18 mil florins de ouro. Já em função de tamanha valorização dessas áreas, é compreensível que importantes filólogos se tenham firmado como juristas e médicos. Por outro lado, todo aquele que desejasse apresentar sua contribuição em qualquer campo que fosse era, paulatinamente, obrigado a

assumir forte coloração humanista. Outras modalidades de atuação prática dos humanistas serão consideradas em breve, mais adiante.

‘Todavia, a atividade do filólogo enquanto tal, embora vinculada, em casos particulares, a salários relativamente elevados e emolumentos paralelos,\* configurava-se em geral fugaz e passageira, de modo que um mesmo catedrático podia atuar em toda uma série de diferentes instituições. Evidentemente, apreciava-se a diversidade e esperava-se de cada um o novo, o que é facilmente explicável pelo fato de a ciência encontrar-se então ainda em formação e, portanto, bastante dependente das personalidades dos mestres. Além disso, nem sempre aquele que ministrava cursos sobre autores antigos pertencia de fato à universidade da cidade onde lecionava: dada a facilidade de ir e vir e a grande quantidade de acomodações disponíveis (conventos etc.), ministrar cursos privados podia também ser o bastante. Na mesma primeira década do século XV, quando a Universidade de Florença atingiu o auge de seu brilho, quando os cortesãos de Eugênio IV e, talvez, já os de Martinho V comprimiam-se nos auditórios, quando Carlo Aretino e Filelfo competiam entre si em suas aulas, havia não apenas uma segunda e quase completa universidade junto aos agostinianos do Santo Spirito, não apenas toda uma associação de eruditos junto aos camaldulos do convento dos Anjos, mas também grupos privados de pessoas respeitáveis que se reuniam ou se esforçavam isoladamente para receber cursos de filologia e filosofia, para si e para outros. Em Roma, o estudo da filologia e da Antiguidade havia tempos não tinha qualquer vínculo com a universidade (*Sapienza*), repoustando quase exclusivamente em parte na proteção pessoal e particular de papas e prelados, em parte nas nomeações feitas na chancelaria pontifícia. Somente sob Leão X é que ocorreu a grande reorganização da *Sapienza*, com seus 88 professores, dentre os

\* Chamado para lecionar na recém-fundada Universidade de Pisa, Filelfo exigiu no mínimo quinhentos florins de ouro.

quais as maiores celebrações da Itália, inclusive no campo dos estudos dedicados à Antiguidade. Mas o novo brilho durou apenas um curto espaço de tempo. Das cadeiras relativas ao grego e à Grécia na Itália, já se falou aqui de maneira sucinta.

De modo geral, para que tenhamos presente a maneira pela qual o conhecimento científico era então transmitido, será necessário que desviemos o olhar o mais possível de nossas instituições acadêmicas atuais. A convivência pessoal, as disputas, o uso constante do latim e, em não poucos casos, também do grego, além, finalmente, das freqüentes mudanças de professores e da raridade dos livros, conferiam aos estudos da época uma configuração que apenas com dificuldade logramos imaginar.

Escolas de latim existiam em todas as cidades de algum nome, e, aliás, não apenas enquanto instrução preparatória para os estudos mais avançados, mas porque o conhecimento do latim era tão necessário quanto o aprendido da leitura, da escrita e do cálculo, sendo, então, seguido do estudo da lógica. Fundamental afigura-se o fato de essas escolas não dependerem da Igreja, mas da administração municipal, algumas delas decerto constituindo empreendimentos privados.

Esse sistema escolar, sob a direção de alguns notáveis humanistas, não apenas atingiu grande perfeição organizacional, como tornou-se também instrumento de uma educação mais elevada. Em duas casas principescas da Alta Itália, a educação das crianças esteve associada a instituições às quais se poderia chamar únicas em seu gênero.

Em Mântua, na corte de Giovan Francesco Gonzaga (que governou de 1407 a 1444), apareceu o magnífico Vittorino da Feltré, um daqueles homens que dedicam toda sua existência a uma causa para a qual, por sua força e perspicácia, encontram-se plenamente equipados. Inicialmente, ele educou os filhos e filhas da casa regente — conduzindo, aliás, uma destas últimas até as alturas da verdadeira sabedoria. Quando, porém, sua fama espalhou-se para muito além da Itália e jovens de grandes e ricas famílias, provindos de todas as partes, a ele acorreram, Gonzaga não apenas permitiu que seu mestre educasse também a estes,

como parece ainda ter considerado uma honra para Mântua que esta fosse um centro de educação para o mundo aristocrático. Ali, pela primeira vez para toda uma escola, a ginástica e todo tipo de exercício físico mais nobre foram colocados lado a lado com o ensinamento científico, produzindo um equilíbrio entre ambas as coisas. A esses nobres pupilos, contudo, veio juntar-se um outro grupo em cuja formação Vittorino reconheceu, talvez, a mais elevada meta de sua vida: os pobres e talentosos que, em sua casa, ele alimentou e educou "per l'amore di Dio", juntamente com os nobres, que tiveram de habituar-se a conviver sob um mesmo teto com o mero talento. Na verdade, Gonzaga devia pagar-lhe trezentos florins de ouro anuais, mas cobria-lhe também as despesas, que amiúde somavam o mesmo tanto. Sabia que Vittorino não reservava um único centavo para si e, sem dúvida, pressentia que a concomitante educação dos que não tinham recursos era a condição tácita sob a qual aquele homem admirável o servia. A condução da casa era de uma rigorosa religiosidade, dificilmente encontrável mesmo em um convento.

Guarino de Verona dava maior ênfase à erudição. Em 1429, ele foi chamado a Ferrara por Niccolò d'Este, para educar-lhe o filho, Leonello, e, a partir de 1436, quando seu pupilo era já quase um adulto, atuou também como professor de eloquência e de ambas as línguas clássicas na universidade. Além de Leonello, Guarino tinha ainda numerosos alunos de diversas partes da Itália e, em sua própria casa, sustentava, total ou parcialmente, um número selecionado de pupilos pobres. A instrução destes dedicava o final de seu dia, até tarde da noite. Também esse era um local de rigorosa religiosidade e moralidade; se a maior parte dos humanistas desse século não se reveloulouvável nesses dois aspectos, isso se deveu tão pouco a Guarino quanto a Vittorino. Incompreensível é que, paralelamente a uma atividade como a sua, Guarino lograsse ainda traduzir incessantemente autores gregos e escrever volumosas obras próprias.

Pelo menos em parte, e ao longo de certo número de anos, a educação dos filhos dos príncipes esteve, também na maioria das demais cortes italianas, nas mãos dos humanistas, que, assim,

deram um passo adiante na direção da vida cortesã. A escritura de tratados acerca da educação dos príncipes, outrora tarefa dos teólogos, agora passa também a ser, naturalmente, assunto dos humanistas. Enéias Sívio, por exemplo, endereçou a dois jovens príncipes alemães da casa dos Habsburgo dissertações detalhadas sobre a continuidade de sua formação, incutindo-lhes, com-preensivelmente, o cultivo do humanismo, no sentido italiano deste. Sívio devia saber que pregava no deserto, cuidando assim para que seus escritos circulassem também por outras paragens. Discutiremos particularmente, mais adiante, o relacionamento entre humanistas e príncipes.

### OS PROMOTORES DO HUMANISMO

Antes disso, são dignos de nossa atenção aqueles cidadãos que, principalmente em Florença, fizeram do interesse pela Antiguidade uma das metas principais de suas vidas, tornando-se eles próprios grandes eruditos, ou grandes diletantes a dar apoio aos primeiros. Eles foram de grande importância para o período de transição, no princípio do século XV, porque é neles que, pela primeira vez, o humanismo manifesta-se, na prática, como um elemento necessário da vida cotidiana. Foi somente depois deles que príncipes e papas dedicaram-se seriamente a cultivá-lo.

Já se falou aqui, por diversas vezes, em Niccolò Niccoli e Giannozzo Manetti. O primeiro é-nos descrito por Vespasiano como um homem que nada tolerava a seu redor que pudesse perturbar o espírito da Antiguidade. Sua bela figura, com seus trajes longos e fala amigável, em uma casa repleta de magníficas peças antigas, causava impressão singularíssima. Niccoli era sobremaneira asseado em todas as coisas, sobretudo à mesa, tendo diante de si, sobre o linho mais branco, vasos antigos e taças de cristal.\* A maneira pela qual conquistou um jovem florentino

\* São intraduzíveis as seguintes palavras de Vespasiano: "A vederlo in tavolo così antico come era, era una gentilezza".

amante dos prazeres para seus próprios interesses espirituais é por demais graciosa para que aqui deixemos de narrá-la.

Filho de um distinto mercador e destinado a seguir os passos do pai, Piero de Pazzi, belo em aparência e bastante dedicado aos prazeres do mundo, pensava em tudo, menos na ciência. Um dia, estando ele a passar pelo Palazzo del Podestà, Niccoli chamou-o para si. Piero atendeu ao aceno daquele homem tão respeitado, embora jamais tivesse conversado com ele. Niccoli perguntou-lhe quem era seu pai. Piero respondeu: "Messer Andrea de Pazzi". Perguntado acerca de sua ocupação, Piero respondeu como o fazem comumente os jovens: "Aproveito a vida" [*Attendo a darmi buon tempo*]. Niccoli disse-lhe, então, que, como filho de um tal pai e dotado de tal figura, ele devia se envergonhar por não conhecer a ciência latina, que constituiria para ele tão grande adorno. E mais: que, se não a aprendesse, não seria ninguém, transformando-se, tão logo fanada a flor da juventude, em homem sem qualquer valor (*virtù*). Ao ouvir isso, Piero prontamente reconheceu estar diante da verdade, respondendo que se dedicaria de bom grado àquele aprendizado, se encontrasse um mestre. Niccoli disse-lhe que cuidaria disso. E, de fato, arranjou-lhe um homem erudito para o ensino do latim e do grego, chamado Pontano, a quem Piero acolheu como a um membro de sua família, pagando-lhe cem florins de ouro ao ano. Em vez da habitual luxúria, Piero passou então a se dedicar, dia e noite, aos estudos, tornando-se amigo de todos os homens cultos e magnânimo estadista. Aprendeu de cor toda a *Eneida* e muitos dos discursos de Títo Lívio, em geral no caminho de Florença até sua casa de campo, em Trebbio.

Giannozzo Manetti representa a Antiguidade em um outro sentido, mais elevado. Precoce, concluíra já, quase um menino, o aprendizado do comércio e trabalhava como escriturário para um banqueiro. Passado algum tempo, porém, tal atividade pareceu-lhe fútil e passageira, e ele começou a ansiar pelo conhecimento científico — para ele, a única maneira pela qual o homem pode garantir sua imortalidade. Na qualidade do primeiro nobre florentino a fazê-lo, enterrou-se nos livros, tornando-se,

como já foi dito, um dos maiores eruditos de seu tempo. Designado pelo Estado encarregado de negócios, coletor de impostos e governador (em Pescia e Pistoia), desempenhou suas funções como se um ideal elevado houvesse despertado dentro dele — produto da combinação de seus estudos humanistas com sua religiosidade. Deu cumprimento à cobrança dos mais detestados impostos decretados pelo Estado, não aceitando nenhum pagamento por seus serviços. Como governador de província, repetiu presentes, zelou pelo abastecimento de grãos, apaziguou infatigavelmente os conflitos judiciais e tudo fez pela contenção das paixões por meio da bondade. Os habitantes de Pistoia já-mais lograram descobrir por qual de seus dois partidos ele se inclinava. Como a simbolizar o destino e o direito comum de todos, escreveu, em suas horas de lazer, a história da cidade, posteriormente preservada no palácio municipal em encadernação púrpura, como um objeto sagrado. Por ocasião de sua partida, a cidade presenteou-o com uma bandeira contendo o brasão municipal e com um magnífico elmo de prata.

Quanto aos demais cidadãos ilustrados de Florença, há que se ler sobre eles em Vespasiano (que os conhecia a todos), por que o tom e a atmosfera de que se reveste o que escreveu, as condições sob as quais conviveu com essas pessoas, afiguram-se mais importantes do que os feitos de cada um. Se esse valor mais precioso de sua obra estaria já fadado a perder-se em uma tradução, que dirá então nas breves indicações a que, forçosamente, venhamos limitados aqui. Vespasiano não é grande escritor, mas conhece o assunto que tratou e possui um senso profundo de seu significado intelectual.

Quando se procura, então, analisar o encanto que os Medici do século XV — sobretudo Cosme (morto em 1464) e Lourenço, o Magnífico (morto em 1492) — exerceram sobre Florença e sobre seus contemporâneos de modo geral, verifica-se que a força desse encanto passa ao largo da esfera política, para localizar-se em sua liderança no campo da educação. Alguém na posição de Cosme, mercador e chefe partidário local, tendo ainda a seu lado todos os pensadores, pesquisadores e escritores; alguém

que já de berço é tido como o mais importante dos florentinos e mais, por sua cultura, como o maior dos italianos — este alguém é efetivamente um príncipe. Cosme é ainda possuidor da glória particular de ter reconhecido na filosofia platônica o mais belo rebento do pensamento antigo, de ter disseminado esse reconhecimento a seu redor e, assim, de ter estimulado um segundo e mais elevado renascer da Antiguidade no interior do humanismo.\* O modo como isso se deu foi nos relatos com bastante precisão. Tudo se vincula à convocação do erudito João Argyropulos e ao entusiasmo pessoal de Cosme em seus últimos anos de vida, de tal modo que — no tocante ao platonismo — o grande Marsilio [Ficino] pôde se permitir autodesignar-se filho espiritual de Cosme. Sob Pietro de Medici, Ficino viu-se já à testa de uma escola. Abandonando os peripatéticos, para ele ocorreu o filho de Pietro e neto de Cosme, o ilustre Lourenço. Dentre seus mais renomados companheiros são mencionados Bartolommeo Valori, Donato Acciaiuoli e Pierfilippo Pandolfini. O entusiasmo do mestre declara, em várias passagens de seus escritos, que Lourenço investigou todas as profundezas do platonismo, manifestando a convicção de que, sem este, seria difícil ser bom cidadão e bom cristão. O famoso grupo de eruditos que se reuniu ao redor de Lourenço tinha por vínculo comum o elevado espírito de uma filosofia idealista, distinguindo-se de todos os demais agrupamentos do gênero por esse mesmo fator. Somente em um tal círculo podia alguém como Pico della Mirandola sentir-se feliz. O que há de mais belo para se dizer a esse respeito, porém, é que tal grupo constituía, paralelamente a todo o culto da Antiguidade, um santuário da poesia italiana e que, de todos os raios de luz que emanaram da personalidade de Lourenço, esse pode ser considerado o mais poderoso. Como estadista, julgue-o cada um como o desejar — um estrangeiro

\* O conhecimento anterior da filosofia platônica só pode ter sido fragmentário. Um singular debate acerca da oposição entre Platão e Aristóteles teve lugar em Ferrara, em 1438. Os debatedores eram, de um lado, Hugo de Siena, do outro, os gregos que tinham vindo para o concílio.

não se imiscui, se não é obrigado a fazê-lo, no balanço do que em Florença é culpa ou destino; mas não há polémica mais injusta do que aquela que acusa Lourenço de ter, no domínio da cultura, protegido predominantemente os médiocres, culpando-o assim pela ausência de Leonardo da Vinci e do matemático fra Luca Pacioli e por ter, no mínimo, negado incentivo a Toscanella, Vespúcio e outros. Por certo, Lourenço não foi possuidor de um espírito universal. Mas, de todos os grandes que alguma vez intentaram proteger e estimular as coisas do espírito, foi ele um dos mais multifacetados — e aquele no qual essa multiplicidade, mais do que em qualquer outro, decorreu de profunda necessidade interior.

O século XIX costuma igualmente proclamar com suficiente veemência o valor da cultura, de um modo geral, e o da Antiguidade, em particular. Contudo, uma dedicação tão completa e entusiástica, um reconhecimento de que essa necessidade é a mais importante de todas, não se encontra em parte alguma com intensidade semelhante à que se verificou junto aos florentinos do século XV e do princípio do XVI. A esse respeito, dispomos de provas indiretas que afastam qualquer dúvida: não se teria com tanta frequência permitido às filhas da casa que tomassem parte nos estudos se estes não fossem tidos, de forma absoluta, como o mais nobre dos bens da vida terrena; não se teria transformado um exílio numa estada feliz, como se deu com Palla Strozzi; homens que, em geral, tudo se permitiam, não teriam ainda conservado a energia e a vontade para abordar criticamente a *Naturalis historia*, de Plínio, como o fez Filippo Strozzi. Não é de louvor ou censura que se trata aqui, mas de reconhecer o espírito de uma época em toda sua vigorosa singularidade.

Além de Florença, houve ainda outras cidades italianas nas quais, por vezes, indivíduos ou círculos sociais inteiros, empregando todos os meios de que dispunham, puseram-se a serviço do humanismo e deram suporte a seus eruditos. As coletâneas de cartas da época revelam-nos uma profusão de relacionamentos pessoais desse gênero. O pensamento oficial das carnadas mais cultas tendia quase exclusivamente para essa mesma direção.

É tempo, entretanto, de voltarmos nossos olhos para a situação do humanismo nas cortes dos príncipes. Já se sugeriu anteriormente o íntimo parentesco entre os déspotas e os filólogos, também estes contando exclusivamente com sua própria personalidade e talento. O filólogo, porém, preferia declaradamente as cortes às cidades livres, já em função da mais generosa remuneração. À época em que, ao que tudo indicava, o grande Afonso de Aragão podia tornar-se o senhor de toda a Itália, Enéias Sívio escreveu a outro habitante de Siena ["*Epist.* 39", in *Opera*]: "Se sob seu domínio a Itália encontrasse a paz, eu preferiria que assim fosse do que sob os governos municipais, pois a nobre índole de um rei sabe recompensar todos os méritos". Também nesse caso tem-se, recentemente, enfatizado por demais a faceta indigna, a adulação mercenária, da mesma forma como, no passado, a louvação dos humanistas foi tida por excessivamente favorável aos príncipes. Tomando-se os fatos em seu conjunto, permanece sempre um testemunho amplamente vantajoso a estes últimos o fato de que se julgassem obrigados a estar à testa da cultura — por mais tacanha que fosse — de seu tempo e de sua terra. Em alguns papas, o destemor pelas conseqüências da erudição de então possui algo de absoluta, ainda que involuntariamente, majestoso. Nicolau V sentia-se tranqüilo quanto ao destino da Igreja, porque esta teria a seu lado, prestimosos, milhares de eruditos. Sob Pio II, os sacrificios à ciência já não se revelam tão grandiosos: sua corte de poetas afigura-se bastante modesta, mas ele próprio é ainda muito mais o chefe em pessoa da república dos eruditos do que o fora seu penúltimo predecessor, e desfruta essa glória em total segurança. Somente Paulo II viu-se tomado de medo e desconfiança com relação ao humanismo de seus secretários. Seus três sucessores — Sisto, Inocêncio e Alexandre — decerto acolheram dedicatórias e se deixaram celebrar em versos, tanto quanto o desejaram os poetas — tendo havido até mesmo uma *Borgiáda*, provavelmente em hexâmetros —, mas estiveram de-

masiadamente ocupados com outros assuntos e atentos a outros pontos de apoio a seu poder, para dar atenção aos poetas-filólogos. Júlio II encontrou cantores por ser ele próprio tema significativo, mas não parece, de resto, ter se preocupado muito com eles. Sucede-lhe, então, Leão X, "como a Rômulo, Numa" — isto é, após a belicosidade do pontificado anterior, esperava-se por outro inteiramente consagrado às musas. Desfrutar da bela prosa latina e de versos harmoniosos fazia parte do programa de vida de Leão X, e, de fato, seu mecenato alcançou tantos êxitos nesse aspecto que seus poetas latinos retrataram vividamente, em numerosas elegias, odes, epigramas e orações, o espírito alegre e resplandecente de seu pontificado — espírito este que a biografia de Giovio exala. Talvez inexistia em toda a história do Ocidente um príncipe que, a despeito da escassez de acontecimentos notáveis em sua vida, tenha sido tão amplamente glorificado. Os poetas tinham acesso a ele principalmente por volta do meio-dia, quando os virtuosos dos instrumentos de corda já haviam cessado de tocar. Um dos melhores de todo o grupo, porém, dá a entender que eles procuravam alcançá-lo também em outras ocasiões, seguindo-lhe os passos pelos jardins e pelos interiores do palácio, e, se o intento se revelasse também ali infrutífero, tentava-se uma carta suplicante, em forma de elegia, na qual figurava a totalidade do Olimpo. Tudo isso porque Leão X, que não podia ver uma soma em dinheiro reunida a sua frente e desejava ter exclusivamente rostos alegres diante de si, era dotado de uma prodigalidade cuja memória os tempos avaros que se seguiram rapidamente transfiguraram em mito. Já se falou aqui de sua reorganização da *Sapienza*. Cumpre que mantenhamos o olhar livre das muitas levandades que a acompanharam, a fim de que não subestimemos a influência de Leão X sobre o humanismo. Não nos devemos deixar iludir pela duvidosa e aparente ironia com a qual ele próprio, por vezes, tratou desses assuntos. Nosso juízo deve partir das enormes possibilidades espirituais contidas na palavra *estímulo*, que, embora não possam ser calculadas em seu conjunto, decerto admitem comprovação em muitos casos particulares, se inves-

tigadas com maior cuidado. A influência que, a partir de 1520, aproximadamente, os humanistas italianos exerceram sobre a Europa foi sempre, de alguma maneira, condicionada pelo impulso proveniente de Leão X. Ele é o papa que, ao conceder o privilégio para a impressão do recém-redescoberto Tácito, afirmou que os grandes autores eram uma lei da vida, um consolo na infelicidade; que sempre tivera no incentivo aos eruditos e na aquisição de livros excelentes um objetivo supremo de sua existência e que agradecia aos céus por poder, naquela ocasião, através de seu apoio à publicação da referida obra, beneficiar a raça humana.

Da mesma forma como, em 1527, a devastação de Roma dispersou os artistas, separou também os literatos, enviando-os para todas as direções e propagando assim, genuinamente, a fama de seu grande mecenas morto até os mais longínquos confins da Itália.

Dos príncipes seculares do século XV, Afonso, o Grande, de Aragão, rei de Nápoles, é o que exhibe maior entusiasmo pela Antiguidade. Seu fervor, ao que parece, era ingênuo. Aparentemente o mundo antigo dos monumentos e escritos causou-lhe, desde a sua chegada à Itália, uma grande, avassaladora impressão, a partir da qual Afonso teve, então, de remodelar sua vida. Em favor do irmão, abdicou com admirável desenvoltura de sua obstinada Aragão e das terras vizinhas, para dedicar-se inteiramente a seus novos domínios. Teve a seu serviço, simultânea ou sucessivamente, Jorge de Trebizonda, o jovem Crisóloras, Lorenzo Valla, Bartolomeo Fazio e Antonio Panormita, os dois últimos tendo se tornado seus historiadores. Panormita tinha de instruí-lo diariamente, a ele e sua corte, na obra de Títo Lívio, até mesmo no campo de batalha, durante as campanhas militares. Essas pessoas custavam-lhe anualmente mais de 20 mil florins de ouro. Por sua *Historia Alphonsi*, além dos mais de quinhentos ducados que lhe pagava ao ano, presenteou Fazio, ao final do trabalho, com mais 1,5 mil florins de ouro, acompanhados das palavras: "Não o faço para pagar-vos, pois vosso trabalho é absolutamente impagável, ainda que vos desse uma de mi-

nhas melhores cidades. Com o tempo, porém, procurarei recompensar-vos". Quando fez de Giannozzo Manetti seu secretário, sob condições as mais esplêndidas, Afonso disse-lhe: "Partiria convosco meu último pedaço de pão". Já na condição de embaixador florentino encarregado de transmitir as congratulações pelo casamento do príncipe Ferrante, Giannozzo causara no rei impressão tal que este, "qual imagem de bronze", permaneceu imóvel em seu trono, sem sequer espantar as moscas. Seu local preferido parece ter sido a biblioteca do castelo de Nápoles, onde ficava sentado a uma janela com vista particularmente bela para o mar, a ouvir os sábios quando estes discutiam, por exemplo, sobre a Trindade. Afonso era, aliás, profundamente religioso, fazendo com que lhe lessem, além de Lívio e Sêneca, também a Bíblia, que conhecia quase de cor. Quem pode pretender definir com exatidão o sentimento que experimentou em Pádua ante os supostos restos mortais de Lívio? Ao receber destes um osso do braço, que pedira encarecidamente aos venezianos, e ao acolhê-lo respeitosamente em Nápoles, é possível que sentimentos cristãos e pagãos se tenham misturado singularmente em sua alma. Em campanha nos Abruzos, mostraram-lhe Sulmona ao longe, a terra de Ovídio, e ele saudou a cidade, agradecendo-a pelo gênio do passado — fez-lhe bem, evidentemente, poder transformar em realidade a predição do grande poeta acerca de sua própria glória futura. Certa feita, por ocasião de sua entrada na Nápoles definitivamente conquistada (1443), agradeceu-lhe a idéia de se apresentar ele próprio à maneira dos antigos: não muito longe do *mercato*, uma larga brecha de quarenta côvados foi aberta na muralha, através da qual passou sobre um carro dourado, qual um *triumphator* romano. A própria memória desse fato foi eternizada por um magnífico arco do triunfo em mármore, erigido no Castello Nuovo. Desse entusiasmo pela Antiguidade e de todas as suas boas qualidades, pouco ou nada herdou sua dinastia napolitana.

Incomparavelmente mais ilustrado do que Afonso foi Frederico de Urbino, que tinha menos pessoas ao redor de si, nada esbanjava e, tanto quanto nos demais assuntos, também em sua

apropriação da Antiguidade procedeu refletidamente. Para ele e para Nicolau V foram feitas a maior parte das traduções do greco e uma parcela dos mais importantes comentários, estudos e obras do gênero. Gastava muito com as pessoas de que precisava, mas com propriedade. Não havia nem sinal de uma corte de poetas em Urbino, onde o próprio príncipe era o maior dos eruditos. Mas a Antiguidade compunha apenas uma parte de sua cultura; completo enquanto príncipe, comandante militar e enquanto homem, Frederico dominava grande parte do conjunto da ciência de então, dela se servindo, aliás, para objetivos puramente práticos. Como teólogo, por exemplo, comparou são Tomás de Aquino a Scottus, sendo também conhecedor dos escritos dos velhos patriarcas da Igreja, tanto do Oriente quanto do Ocidente — os primeiros, por meio de traduções latinas. Na filosofia, parece ter deixado Platão inteiramente para seu contemporâneo Cosme de Medici; de Aristóteles, porém, conhecia perfeitamente não apenas a *Ética* e a *Política*, como também a *Física* e vários outros escritos. Em suas demais leituras, predomavam marcadamente os historiadores antigos, cujas obras possuía em sua totalidade. A estes, e não aos poetas, "lia constantemente e mandava que os lessem para ele".

Os Sforza são também, todos eles, dotados de erudição, em maior ou menor grau, e dedicados ao mecenato — aspecto sobre o qual já se falou aqui, de passagem. \* O duque Francesco possivelmente encarava a educação humanística de seus filhos como algo, já por razões políticas, natural. Aparentemente, era corrente a idéia de que constituía uma vantagem o fato de o príncipe poder relacionar-se em pé de igualdade com os homens de maior instrução. Ludovico, o Mourto, excelente latinista, exhibe um interesse pelas questões intellectuais que ultrapassa em muito as fronteiras da Antiguidade.

\* Com relação ao último Visconti, Lívio e os romances franceses de cavalaria, ao lado de Dante e Petrarca, disputam ainda a simpatia do príncipe. Este costumava despachar em poucos dias os humanistas que iam até ele com o intuito de "torná-lo famoso".

Mesmo os soberanos de menor envergadura tratavam de obter para si semelhantes distinções. Acreditar que alimentavam os literatos de suas cortes apenas para serem por eles louvados é fazer-lhes uma injustiça. Um príncipe como Borso, de Ferrara, em que pese toda a sua vaidade, já não causa de forma alguma a impressão de esperar dos poetas a própria immortalidade, por mais que estes o tenham provido de uma *Borsoida* e de composições do gênero. Seu senso de soberania é por demais desenvolvido para tanto. O convívio com os eruditos, o interesse pela Antiguidade, a necessidade de uma elegante epistolografia latina são, antes, inseparáveis dos príncipes de outrora. Quanto não se queixou o duque Afonso, altamente versado em questões práticas, de que sua constituição doentia quando jovem o tivesse obrigado a recorrer unicamente aos trabalhos manuais para o restabelecimento de sua saúde! Ou será que isso constituiu apenas pretexto para que mantivesse os literatos afastados de si? Mesmo seus contemporâneos já não logravam perscrutar uma alma como a sua.

Tãmpouco os tiranos insignificantes da Romanha podiam facilmente prescindir de um ou mais humanistas em sua corte. Ali, o preceptor e o secretário são amiúde uma só pessoa, que, por vezes, transforma-se ainda no factótum da corte. Desprezar inteiramente essas cortes menores é uma atitude precipitada, na medida em que desconsidera que as mais elevadas coisas do espírito não estão absolutamente atreladas a uma questão de escala.

Atividades singulares devem, em todo caso, ter imperado na corte de Rimini, sob o atrevido pagão e condottiere Sigismondo Malatesta. Rodeado de considerável número de filólogos, dotou ricamente alguns deles — com terras, por exemplo —, aos demais sendo possível, ao menos, obter seu sustento como oficiais. Na cidadela de seu soberano — a *arx Sismundea* —, eles travam suas disputas, freqüentemente assaz virulentas, na presença do *rex*, como o chamam. Louvam-no, naturalmente, em seus poemas latinos, cantando também seu romance com a bela Isotta, a cuja honra se deve, na verdade, a famosa reconstrução da igreja de San Francesco, em Rimini, destina-

da a servir-lhe de monumento funerário — “*Divae Isottae Sacrum*”. Mortos, os filólogos repousam nos (ou sob os) sarcófagos que adornam os nichos de ambas as paredes externas dessa mesma igreja; uma inscrição informa que o falecido foi ali sepultado ao tempo em que reinava Sigismondo, filho de Pandolfo. Dificilmente se acreditaria hoje de um monstro, como o foi esse príncipe, que a cultura e o convívio com eruditos representassem-lhe uma necessidade. Não obstante, aquele que o excomungou, queimou em efígie e com ele guerreou — o papa Pio II — disse: “Sigismondo conhecia a história e era bastante versado em filosofia. Parecia ter nascido para tudo que empreendia”.\*

## A REPRODUÇÃO DA ANTIGUIDADE

### EPISTOLOGRAFIA

Para dois propósitos, porém, tanto repúblicas quanto príncipes e papas julgavam não poder prescindir do humanista: para a redação das cartas e para os discursos públicos e solenes.

Não apenas o secretário precisa ser, por razões de estilo, um bom latinista, como, inversamente, a cultura e o talento necessários a um secretário são atribuídos unicamente ao humanista. Assim foi que, no século XV, a maioria dos grandes homens da ciência passou porção considerável de sua vida servindo ao Estado. Terra natal e origem não eram consideradas dos quatro grandes secretários florentinos que estiveram à testa desse cargo entre 1429 e 1465, três são oriundos da cidade subjugada de Arezzo: Leonardo (Bruni), Carlo (Marzupini) e Benedetto Accolti. Poggio era de Terra Nuova, igualmente situada em território florentino. Havia muito, aliás, que vários

\* Pio II, *Comentários*, liv. II. *História* sintetiza aqui a totalidade da Antiquidade.